

E agora?

Renata Gonçalves Santos Silva¹

Como quero ser como professora? Uma pergunta bastante objetiva, mas que para ser respondida precisa de uma reflexão profunda. Como responder essa questão agora? Como pensar em ser professora se há pouco tempo eu interpretava o papel de aluna? Sim, há pouco estava sentada do outro lado da sala: nas carteiras. E digo há pouco porque, de fato, faz pouco tempo. Minha cerimônia de formatura foi em março de 2012. Não faz nem um ano! E agora já estou me preparando para assumir outra função dentro da sala de aula: a de professora.

A dificuldade para responder a interrogação que norteia este ensaio aumenta ao passo em que a realidade atual do ensino superior permeia a reflexão que deve ser feita para responder a questão. Hoje, nem todos que estão em uma sala de aula o fazem por um desejo de aprender. Cada jovem ou adulto que nas carteiras se abanca para mais um dia/noite de aula tem uma história de vida, um objetivo a ser atingido e um desejo a ser alcançado. Diferentes realidades, maturidades e vontades que, por um momento, tornam-se uma só turma: a turma de graduação de um curso superior.

Uma única turma, todavia a diferença de cada aluno se acentua em diversos momentos e o professor é quem deve ter habilidade para lidar com todas as adversidades. Mas de que forma fazer isto? Ainda não sei responder essa questão. Dubet, em uma entrevista concedida a revista Espaço Aberto em 1997, corrobora a dificuldade de lidar com os alunos. Cada um com nível de maturidade e com atitudes espantosas que apavoram aquele que se propõe a ensinar, mas que, na realidade, precisa ir muito além dessa função. Dubet (1997, p. 223) expõe sua experiência como professor relatando que os alunos não estão dispostos a assumirem seu papel de alunos. Nas palavras do entrevistado:

¹ PUCRS

Dito de outra forma, para começar, a situação escolar é definida pelos alunos como uma situação, não de hostilidade, mas de resistência ao professor. Isto significa que eles não escutam e nem trabalham espontaneamente, eles se aborrecem ou fazem outra coisa.

A experiência de Dubet ocorreu com jovens de 13/14 anos. No entanto, a realidade no ensino superior não me parece muito distante.

A tecnologia disponível nos dias de hoje rouba a atenção dos alunos e torna a aula desinteressante frente ao mundo infinito que pode ser visitado por meio de *IPhones*, *IPpads*, computadores e uma infinidade de tecnologias que a indústria lança com uma velocidade espantosa. Quando Dubet (1997) fala em sua entrevista a revista Espaço Aberto que: “é preciso ocupar constantemente os alunos. Não são alunos capazes de fingir que estão ouvindo, sonhando com outra coisa e não fazer barulho. Se você não os ocupa com alguma coisa, eles falam” (p. 223). Acrescentaria ainda que se o professor não for capaz de seduzir seus alunos, além do barulho, referido por Dubet (1997), os alunos viajam por um mundo de novidades e atrações com as tecnologias que, sem distinções de contextos sociais, estão presentes na maioria das turmas do ensino superior. Não condeno o uso dessas tecnologias, aliás, acho-as muito válidas quando utilizadas a favor do ensino e da aprendizagem.

No entanto, nem tudo está perdido. Além daqueles alunos que realmente querem aprender, há maneiras de conquistar aqueles que, por um motivo ou outro, não estão muito dispostos a estudar ou, como diria Dubet (1997), a cumprir seu papel de aluno. Existem maneiras de construir uma relação amigável com os alunos e seduzi-los de maneira a torná-los parte do contexto estudantil. Saber quem é cada uma daquelas pessoas sentadas nas carteiras de uma sala de aula, saber cada uma de suas histórias, de suas vontades de seus objetivos pode ser um caminho a ser seguido para que a sala de aula seja, de fato, um ambiente para ensinar e aprender. Dubet (1997, p. 224) corrobora essa afirmação quando exemplifica sua experiência como docente:

Sem me dar muito conta disso, os alunos eram sensíveis ao fato de eu me interessar por eles como pessoas, isto significa que eu falo com

eles, que eu me lembro de suas notas, de suas histórias [...] No fim do ano, eles gostavam muito de mim. Me deram presentes.

Bom, talvez agora, depois de refletir acerca da questão que norteia este ensaio teórico, eu consiga expressar como quero ser quando ocupar a função de professora.

Primeiramente, considero importante me questionar se ser professora é realmente o que eu quero. Digo isso uma vez que já ouvi e vi situações absurdas de profissionais, os quais acredito terem feito a escolha profissional errada. Falar mal dos alunos me soa tão mal quanto um médico que não atende um paciente porque seu horário no plantão está acabando (cabe salientar que se o paciente for grave, o médico não poderá encerrar o plantão – por uma séria de razões que não cabe aqui destacar). Eu presenciei essa situação em que um médico se negou a atender, diga-se de passagem, um paciente que era um lindo e pequenino bebê. Aquela situação me chocou tanto que prometi questionar-me quando decidisse que profissão eu gostaria de ter, ou melhor, de que forma eu colocaria em prática o que aprendi durante o curso de Administração de empresas: docente? executiva? Não importa, o que sei é que agora que me dedico à docência quero ser uma boa professora. Acredito que falar mal dos alunos, pode demonstrar de alguma forma que a escolha não foi correta ou que, ao menos agora, não é mais a melhor opção.

Eu quero ser uma professora que consiga perceber a necessidade de cada aluno. Que consiga entender a forma com que cada aluno melhor aprende: com slides, com leituras, com músicas, com desenhos, com barulho, sem barulho, de forma objetiva, de forma mais rebuscada... Seja qual for a maneira, eu quero ter a sensibilidade de perceber como cada um dos meus alunos melhor importará todo conhecimento que me disponho a passar a diante. Imagino que não seja uma tarefa fácil, visto uma turma ser composta por diversos alunos. Alunos que, como comentei antes, possuem diferentes realidades, vontades e objetivos. Entretanto, acredito ser possível, de alguma forma, atender alguma parte das necessidades de cada indivíduo que se propõe a ouvir aquilo que eu tenho a dizer.

Preciso abrir este parêntese para colocar aqui uma história infantil da qual lembrei quando relatei acima as diferenças de cada aluno. É uma narração infantil, mas que transmite uma mensagem linda e que se encaixa muito bem com o que está sendo discutido neste trecho do ensaio. É a história intitulada O Distraído Sabido (MACHADO, 2010), na qual a vida de um menino, o Pedrinho, é contada. Um menino diferente dos outros, taxado por todos como distraído, mas que, na verdade, apenas reparava em coisas diferentes do que todos costumavam prestar atenção. Sua forma diferente de aprender só foi valorizada quando Pedrinho salvou a turma inteira que estava perdida em uma floresta. Isso porque enquanto todos se divertiam na estrada até a floresta, Pedrinho estava atento ao caminho, à direção do sol, as pedras que por ali estavam, entre outras coisas que chamavam sua atenção. Assim, pode-se ressaltar o que se discute sobre os estudantes: cada um tem um jeito diferente e especial de ser, viver e aprender. E para o professor, é importante perceber as diferenças de cada aluno, sem preconceitos.

Tudo que é novo nas nossas vidas assume um papel de terror. No entanto, assim como todas as situações cotidianas novas, a entrada na Universidade deve ser encarada com coragem. Um sentimento que se faz presente fisicamente (ou seja, apenas aparentamos), mas espiritualmente estamos todos tremendo de medo de encarar uma situação desconhecida. A transição do ensino médio para a universidade deve ser um momento assistido pelos professores. Acredito que toda a característica inerente à Universidade deve ser mantida, mas um auxílio pode ser prestado. Muitas vezes durante a graduação ouvi que eu deveria me “virar” sozinha, que a Universidade não era a escola a qual estava acostumada. Não quero fazer o trabalho de ninguém, todavia quero ensinar a fazer, mostrar o caminho, espantar o terror da nova situação.

A chegada à universidade desperta nos alunos diversas sensações. É um misto de ansiedade, euforia, alegria e tantos outros sentimentos que geram expectativas e dúvidas nos calouros. A vontade de aprender o máximo possível sobre a profissão que escolheram encontra barreiras que, muitas vezes,

desestimulam os estudantes. Barreiras de uma grade curricular que inicia com cadeiras básicas, comuns a diversos cursos. Considero a figura do professor de extrema importância neste momento. Cabe a ele o papel de não deixar os alunos desestimularem-se com as dificuldades encontradas nos momentos iniciais da vida acadêmica. Eu quero ter essa capacidade, eu quero desempenhar esse papel relevante na vida de pessoas que, assim como eu, estão buscando a qualificação necessária para sobreviver em um mundo cada vez mais competitivo.

É notório que ser professor não é tarefa fácil e que todos os desejos que revelei querer que se tornem realidade não o farão tão simplesmente. Mas, ter claro como quero ser quando docente é um passo importante para a minha formação. Parar e refletir sobre a vida acadêmica, sobre quem está sentado nas carteiras (com suas dúvidas, angústias e expectativas) e quem está tentando transmitir o conhecimento e suas experiências (também com suas dúvidas e desejos) auxilia a construção de quem eu quero ser como professora.

E agora? Agora, que venha a vida e que seja vivida!

REFERÊNCIAS

DUBET, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 5, p. 222-231, maio/ago., 1997.

MACHADO, A. M. **O distraído sabido**. São Paulo: Moderna, 2010.